REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 254

11 DE JANEIRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro de D. Maria encontrou finalmente um bello *successo*, pondo em scena uma comedia francamente comedia, sem preoccupação alguma de estudar costumes, de observar caracteres, de defender theses ou de advogar themas, e tendo por unico fim o fazer rir o espectador a bom rir durante duas horas.

E esse seu unico fim consegue-o brilhantemente a *Clara Soleil*, a engraçadissima comedia de Gondinet, vertida excellentemente para portuguez pela nossa presada collega e distincta escriptora a sr.ª D. Guiomar Torrezão.

Clara Soleil teve um grande *successo* de gargalhada no Vaudeville, de Paris, e passada para portuguez veiu encontrar o mesmo franco e ruidoso *successo* no theatro de D. Maria.

Havia ao principio, antes da peça subir á scena, suas apprehensões acerca da sorte que ella teria n'aquelle palco, habituado principalmente á alta comedia e ao drama litterario. *Clara Soleil* tem muita graça, isso tem, graça de situação, graça de enredo, graça de acção, mas emquanto a espirito... não tem nenhum.

A peça é feita por Gondinet, mas podia perfeitamente ter a assignatura de Scribe, que ninguem o contestaria, tanto pela habilidade com que está enredada, como pela falta de *verve* que ha no dialogo.

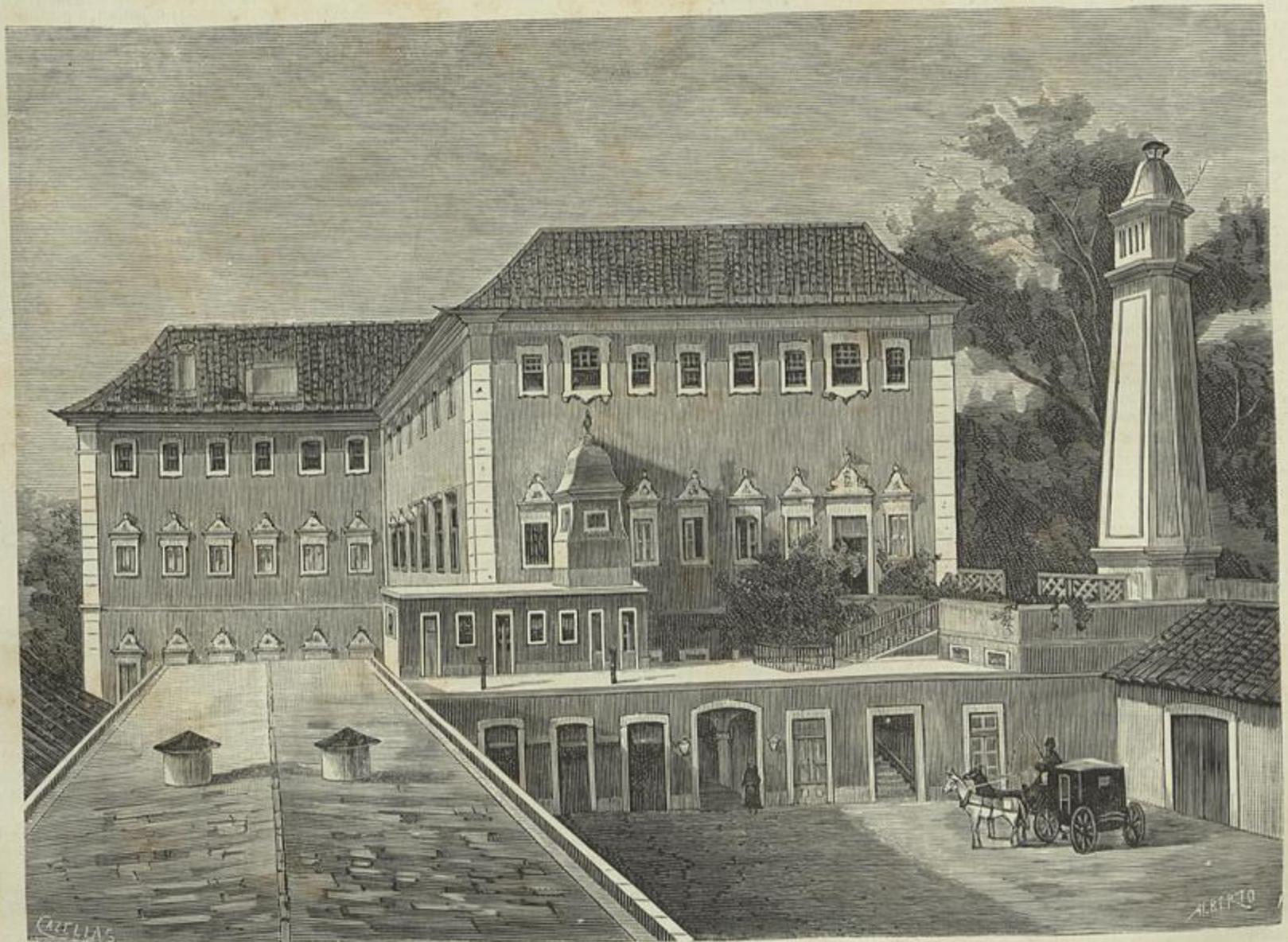
É puramente, perfeitamente uma comedia de enredo, e receiava se alguma coisa que o publico de D. Maria achasse isso pouco.

O publico, porem, achou tanta graça ás situações extraordinariamente comicas da peça, riu-se tanto, que nem teve tempo de tratar de discutir se a *Clara Soleil* estava bem no theatro de D. Maria.

Elle estava bem ao ouvil-a, e não quiz saber de mais nada, e entendemos que teve carradas de razão.

Não é tão vulgar encontrar por ahi uma comedia com tanta graça, um espectaculo tão divertido, para a gente se pôr agora a fazer cara e a tomar ares, quando elle nos faz a honra de vir ao nosso encontro.

Clara Soleil não é uma peça litteraria, mas é uma comedia muito bem feita, uma comedia que faz rir todos sem fazer corar ninguem, uma comedia que é muito bem representada por todos os actores de D. Maria, uma comedia que é todos os dias muito applaudida e que leva ao theatro enchentes successivas; logo, fez muito bem a empreza de D. Maria em a pôr em scena.

Demais a mais o reportorio litterario não abunda muito, tanto em França como em Portugal; e, francamente, não podendo o theatro de D. Maria

PAÇO DAS NECESSIDADES — PARTE DO PALACIO HABITADA POR EL-REI D. FERNANDO E ONDE FALLECEU (Desenho do natural por Cazellas)

manter-se todo o anno com peças como a *Sociedade onde a gente se aborrece*, ou *Fedora*, ou *Pattes de mouche*, ou *Dionisia*, ou *Othello*, ou *Estrangeira*, preferimos muito mais que nos dê umas comedias alegres e bem feitas, que são verdadeiras obras primas no seu genero — embora esse genero não seja o do theatro — a dar nos *Dramas no fundo do mar* ou *Cães de cego*.

O desempenho de *Clara Soleil* é excellente, como já dissemos. Pode bem ser que os typos femininos, excessivamente parisienses, tenham sido tambem um pouco representados em portuguez, mas Rosa Damasceno, Emilia dos Anjos e Amelia da Silveira são tão graciosas, assim mesmo á portugueza, nos seus papeis, representam-os com tão bom humor, com tanta boa vontade, que nos agradam, nos fazem rir, nos interessam, embora uma critica severa, que não está muito nos nossos usos, lhes possa intentar processo por falta de *parisianismo* na execução dos seus papeis.

Emilia Candida, que ha muito tempo não estava em evidencia, porque não encontrava nenhum d'esses papeis em que ella prima, é magnifica na *Clara Soleil* n'um pequeno papel de costureira de theatro.

O papel é pequeno, mas a verdade e a graça enorme e naturalissima com que Emilia Candida o desempenha, dá-lhe um dos principaes logares no desempenho.

Antonio Pedro é simplesmente extraordinario no seu papel de Oscar; desde que elle entra em scena até que sae, é não tirar d'elle os olhos e rir, rir, rir como raras vezes se ri no theatro e na vida. Não ha um gesto de Antonio Pedro, um olhar, uma expressão, que não sejam de um comico irresistivel e de um actor completissimo.

Baptista Machado agradou-nos immenso no seu papel, um dos primeiros da peça.

Ha muito tempo que o não viamos representar, desde a sua ida para o Brasil, e achámos-lhe uns progressos enormes. Companheiros de escola de Baptista Machado e companheiros tambem de jornalismo academico, conheciamos de ha muito a sua bella intelligencia, a sua excellente *verve* de cavaqueador, mas como artista dramatico tinha nos sempre agradado muito mediocremente. Na *Clara Soleil* achámos lhe differença extraordinaria para melhor: agradou-nos muito, e d'aqui lh'o dizemos com muito prazer.

Augusto Rosa faz com um bello tom artistico um papel que podia ser brilhantissimo se o auctor lhe tivesse feito dizer bons ditos, apreciar com espirito as situações, a que elle se conserva sempre alheio, como um bom Desgenais que se presa.

Augusto Rosa diria explendidamente essas cousas que teria dito com certeza se o auctor da peca fosse Sardou ou Dumas, ou mesmo o Gondinet do *Club* e da *Christiane*: mas, como não teve que os dizer contentou-se em fazer excellentemente o que tinha a fazer, e a realçar o seu papel com uma alta distincção artistica acompanhada d'uma naturalidade despretenciosa.

Augusto Antunes tem na *Clara Soleil* um dos seus melhores trabalhos. Costa faz com graça a *charge* d'um cosinheiro velho e gordo, enamorado d'uma mulher a quem dá um beijo n'um comboyo, ao passar um *tunnel*, e até o actor Torres vae muito bem n'um pequeno papel quasi que sem importancia alguma na peça.

E sinto-me já envergonhado de dizer tanto bem, não vá para ahi pensar quem ainda não viu a peça que estou a expargir sobre ella a agua benta da benevolencia que tanto gasto tem no nosso mercado.

Quem a viu está naturalmente d'accordo, a não ser muito exigente, ou a não ter muito má bocca. O desempenho da *Clara Soleil* é um bom desempenho em toda a parte, o que não quer dizer que seja impossivel representar-se melhor. Entretanto crêmos que o papel de Antonio Pedro, e de Emilia Candida difficilmente poderão ser feitos com mais graça e com mais brilhante effeito comico.

No theatro de S. Carlos temos um grande acontecimento, a *reprise* da *Semiramis* de Rossini, a velha *Semiramis* de nossos avós, com o debute da Schalchi, hoje uma das primeiras cantoras do mundo.

A *Semiramis* apesar de velha tem a fazel-a valer a pujança enorme do talento de Rossini. Comprehende-se que é uma obra prima, mas uma obra prima com o seu caruncho.

O estylo de Rossini veio fazer uma grande revolução no mundo lyrico, em 1820: hoje as revoluções que tem passado por esse estylo tem-n'o enchido de cabellos brancos.

Ouvir uns compassos do *Barbeiro* é ouvir toda a musica rossiniana: o processo do mestre, na sua maneira genuinamente italiana é sempre o mesmo, e as mais bellas inspirações melodicas são prejudicadas pela monotonia uniforme d'uma maneira, que faz com que o *Barbeiro* se pareça com a *Matilde de Schabran*, a *Mathilde* com a *Cenerentola*, a *Cenerentola* com a *Semiramis* apesar dos abysmos enormes que ha entre os librettos d'estas partituras.

A Borghi-Mamo é assombrosa de talento na *Semiramis*, e a Schalchi, no papel de Assace é verdadeiramente extraordinaria.

Voltaremos na proxima chronica a tratar mais desenvolvidamente da *Semiramis* que ainda senão representou na occasião de escrevermos estas linhas e de que apenas assistimos a alguns dos ultimos ensaios.

E n'essa proxima chronica fallaremos tambem d'um formoso livro de poesias que acabamos de receber — a *Lyra Meridional*, de Antonio d'Azevedo Castello Branco, um poeta de muito talento, sobrinho do grande romancista Camillo Castello Branco, e editado pela Livraria Central do Porto.

Gervasio Lobato.

EL-REI D. FERNANDO

A physionomia moral do homem que a direcção do OCCIDENTE me encarrega de biographar não se estuda em alguns dias nem pode por emquanto resumir-se na improvisação litteraria de um rapido esboço.

Principe de Saxe-Coburgo-Gotha, magnate da Hungria, neto do grande Ernesto o Pio, oriundo da mais gloriosa tribu da raça germanica, marido de uma rainha portugueza, pae do principe reinante, habitando Portugal durante cerca de meio seculo, tendo tido pela directa ou indirecta influencia do seu espirito um papel consideravel na evolução da moderna sociedade portugueza, este individuo tem direito a um logar na historia. É aos historiadores que compete julgal-o, e não aos jornalistas. A sua morte é um *caso da semana*. A sua vida não.

Pela singularidade da sua situação tão especialmente delicada na côrte portugueza, o senhor D. Fernando tinha como pae da pessoa reinante o dever politico de ser obscuro, de evitar escrupulosamente pela rigorosa abstenção de iniciativa nos negocios do estado todo o conflicto de idéas contradictorias, todo o ensejo de confronto e de parallelo. Este primeiro dever, fundamental na conducta da sua existencia, ninguem na posição d'elle o cumpriria com mais completa abnegação, com mais inteiro desinteresse, com mais religiosa probidade.

N'uma sociedade em que tão lastimavelmente se dissolveu o laço da religião, o da philosophia e o da arte, onde á falta dos grandes interesses nacionaes a intriga de partido, a intriga de club, a intriga de palacio se tornou um elemento constitutivo da ordem geral, o nome do Senhor D. Fernando foi talvez o unico, entre os nomes em evidencia e em notoriedade, que a controversia publica não envolveu jámais na cabala dos interesses e dos egoismos em conflagração de cada dia.

Toda a gente sabe que depois da coroação do Senhor D. Luiz, desde que a nova corte se estabeleceu no paço da Ajuda, os salões das Necessidades se fecharam para todo sempre, confinando-se o antigo habitante do palacio nos apartamentos do convento contiguo, onde se não entrava pela escadaria da etiqueta mas sim pela pequena porta da amisade. E nunca mais nas regiões politicas se tornou a fallar d'elle.

Recolhido como o mais obscuro dos particulares no silencio da sua casa, entre os seus livros e os seus *bibelots*, cultivando os seus variados talentos na mais rigorosa disciplina de applicação e de estudo, consumado dilletante, eruditissimo critico, jovial conversador, alegre camarada de todos os seus amigos, elle fazia consistir uma das primeiras felicidades da sua existencia no prazer de se consagrar aos que estimava com a bonhomia mais tocante, repartindo com elles as suas alegrias d'arte, cantando-lhes ao piano os trechos mais queridos e mais saudosos dos seus compositores predilectos, levando-os a visitar as sementeiras da sua horta ou os viveiros do seu pomar, fazendo-lhes a historia das suas gravuras e das suas faianças; contente em abancar ao trabalho, cantarolando, no vão da janella; em sentir alguem debruçado sobre o seu hombro para o ver desenhar; em folhear albuns de gravuras no meio do chão, estendido no tapete ao lado d'outro maniaco de exemplares raros; ou em fumar ao sol e ao ar livre o tabaco de cordialidade com um companheiro fallador, entre as arvores que elle mesmo plantara, de chapeu desabado sobre o olho, as mãos nos bolsos do knickerbocker, vendo borbulhar a rega nos olfobres ou adejarem as primeiras borboletas amarellas sobre as roseiras em botão, com o olhar humido de bondade, o sorriso remoçado n'um alegre estremecimento da luz.

Sem ecco na publicidade jornalistica ou nos registros officiaes, não originando outros rumores alem dos que fazia a gratidão em torno dos seus actos de beneficencia, a vida d'este principe, durante o periodo mais longo da sua existencia, a historia da sua alma e as interessantes relações d'ella com a phsychologia geral do nosso seculo, só poderá por tanto fazer-se lentamente pelas successivas revelações d'aquelles que mais intimamente viveram na orbita da sua reclusa actividade.

A opinião publica tem-se apressado excessivamente, a meu ver, em fixar o destino historico d'este personagem pelas exclusivas illacções tiradas do espirito das suas disposições testamentarias.

Não pretendo analysar esse documento tão acerbamente discutido pela imprensa, tão implavelmente condemnado pela sociedade.

Não desejo exacerbar pelo desaccordo da minha opinião pessoal, a malquerença a um morto de que já se lavrou a sentença, posto que ainda se não resassem as exequias.

Não quero prolongar a contestação do direito que tem á paz da sepultura o cadaver de um homem que eu sinceramente amei, que não deixou herdeiros ao foro da minha amisade, mas do qual recebi — em beneficio d'outros — decisivas e commoventes provas de uma alta e desinteressada affeição, de que me honro, e que não esquecerei jámais.

Pergunto unicamente, deixando em pé a opinião de cada um sobre o espirito e sobre a letra do testamento do Senhor D. Fernando, se da logica do temperamento d'esse principe, que o proprio publico tão physiologicamente classificou denominando-o o *rei-artista*, se não poderão tirar, em respeito á mesma arte, algumas clementes e modestas attenuações ao rancoroso despeito de que é victima um homem que, na disposição das suas ultimas vontades, é precisamente como artista que procede, isto é, por impulsão emotiva, e por tanto de um modo absolutamente irregular no ponto de vista de rei-politico, de rei-patriota ou de rei pae-de-familia.

Pergunto-o, porque me parece que ha alguma coisa de excepcionalmente cruel, de particularmente offensivo á humanidade, em julgar sem defeza, em condemnar por acclamação triumphal e unanime, sem que uma unica vez proteste, o que ha de mais sagrado na natureza do homem — a sua personalidade affectiva.

Ha tres semanas que a attitude da sociedade de Lisboa perante o cadaver do rei fallecido, e em vista do acto em que elle commetteu o crime de exprimir a sua vontade em vez de exprimir a vontade dos que o haviam de analysar, me produz o effeito moral de um d'esses espectaculos da ferocidade antiga, votando ao suicidio uma reputação de homem, gritando-lhe o *recipe ferrum*, como a plebe de Roma ao gladiador reprovado. E concluo dolorosamente que é mais piedoso atirar um cadaver aos cães do que dal-o a discutir ao publico.

Ramalho Ortigão.

AS NOSSAS GRAVURAS

PAÇO DAS NECESSIDADES

Na gravura que publicámos em o numero antecedente respeitante ao funeral de el-rei D. Fernando, vê-se o palacio das Necessidades, na parte que olha para o largo do mesmo nome e que mostra a frente principal do edificio que é vastissimo. A gravura que hoje publicamos na primeira pagina, reproduz a parte do mesmo palacio, occupada por el-rei D. Fernando, vendo-se parte das janellas do quarto onde faleceu, e são as duas do primeiro pavimento que se descobrem ao lado direito da estampa e immediatas ao angulo que o edificio fórma com o corpo saliente.

Esta parte do palacio é a que communica immediatamente com a quinta, e tem entrada pelo largo das Côrtes, assim denominado em razão das côrtes que se reuniram em 1821, na grande sala da bibliotheca do convento que occupava então a parte do edificio a que nos referimos.

Sem remontarmos a historias que carecem de autenticidade, encontrámos que o palacio das Necessidades foi mandado construir por D. João V, junto á capella que já existia da invocação de

Nossa Senhora das Necessidades, sustentada por uma irmandade de maritimos.

A principal causa da nova edificação mandada fazer por D. João V foi a piedade do monarcha movida com mais ardor pelo milagre que attribuiu á virgem sob aquella invocação, livrando-o de uma grave doença que o accommetteu.

A pobre capella que existia e fôra feita de esmolas, transformou-se em rico edificio pela vontade do munificente monarcha, o qual lhe deu honras de capella real, ficando pertença do palacio.

Havia junto á capella uma quinta pertencente a Balthasar Pereira do Lago. D. João V comprou esta quinta em 1743, fez lhe grandes melhoramentos e em parte do terreno da mesma mandou construir um convento para congregados de S. Filippe Nery. Os edificios executados sob o risco de Caetano Thomaz de Sousa, concluiram-se no anno de 1750.

O palacio foi logo habitado pelo infante D. Manoel e depois pelo infante D. Antonio, ambos irmãos de D. João V.

Durante os reinados de D. José I e D. Maria I, estiveram hospedados n'este palacio varios principes extrangeiros, sendo os ultimos que alli se hospedaram os filhos de Jorge III de Inglaterra incluindo o principe de Galles depois Jorge IV.

Mais tarde foi o palacio occupado pela Academia Real das Sciencias, e em 1833 escolhido pela familia real para sua residencia, principiando por habitar n'elle a rainha D. Maria II e depois D. Pedro V que lhe succedeu.

Pela morte d'este monarcha, el-rei D. Luiz foi residir para o palacio da Ajuda, e o palacio das Necessidades ficou sendo residencia de el rei D. Fernando e do serenissimo sr. infante D. Augusto.

Conforme dissemos, junto ao palacio está o convento e n'elle existiu a afamada escola publica das Necessidades, de que eram professores os frades da congregação. Pela extincção dos conventos foi este annexado ao palacio e ficou fazendo parte d'elle.

El-rei D. Fernando, depois da morte da rainha D. Maria II sua esposa, escolheu para sua habitação esta parte do palacio. Mandou fazer varias obras no sentido de melhor o adequar a habitação, dispondo magnificas salas e uma explendida galeria para quadros, estatuas e outras obras de arte a qual occupa o claustro convenientemente apropriado para o effeito.

O aspecto exterior do edificio, vulgar ainda que de uma architectura severa, mal deixa adivinhar as grandes preciosidades artisticas que encerra, sobre tudo na parte respeitante aos aposentos de el-rei D. Fernando, onde elle reuniu verdadeiros primores de arte, colhidos por todo o paiz e alguns adquiridos no extrangeiro.

Uma rapida visita ás salas é o bastante para exceder a nossa espectativa, e dizemos rapida porque demorada não se faria n'um dia e muito menos se descreveria no espaço de que nos é licito dispôr nas columnas do OCCIDENTE.

Entrando pelo Largo das Côrtes achamo-nos n'um espaçoso pateo destinado para os trens esperarem, e ao fundo ha um arco que passa por baixo dos terraços que cercam o pateo. Transpondo este arco entremos por uma porta que está na nossa frente e encontramo-nos n'uma pequena casa de entrada, onde deixamos o nosso *paletot* e chapeu sobre as magnificas cadeiras de couro repregadas que guarnecem a casa. Nas paredes logo se veem quadros apreciaveis e nos angulos pótes da India, etc.

D'esta pequena casa passa-se á sala de armas ou sala de espera, e alli temos que admirar a profusão de armas de todas as epocas e de todos os paizes, dispostas umas caprichosamente em elegantes cabides, outras em panoplias penduradas das paredes, juntando-se a isto armaduras completas envergadas em manequins e um cavalleiro da edade media revestido de armadura e montado n'um cavallo, obra em vulto perfeitamente executada e que está quasi a meio da sala em frente de uma janella. A armadura que reveste este cavalleiro foi offerecida a el-rei por Victor Manoel. Guarnecem as paredes d'esta sala alguns quadros notaveis, sendo um gothico de inestimavel valor e outros de Tony de Bergue e de Holbein. Todos os mais objectos que ornam a sala incluindo bellas jarras da India, cofres marchetados, vasos cinzelados em metaes, estofos e moveis, completam harmonicamente o todo da sala que só por si é já um museu de alto apreço. N'esta sala é que el-rei D. Fernando recebia as visitas de menos intimidade.

Á entrada da sala seguinte estão duas figuras revestidas de armaduras com seus capecetes e lanças. Ao centro vê-se um riquissimo vaso de Sévres, que foi offerecido por Napoleão III a el-rei D. Pedro V, e que figurou na exposição de Paris de 1855. Por toda a sala quadros e objectos de arte.

Entremos na sala amarella cujos estofos são todos amarellos; é a sala da recepção. Alguns quadros notaveis cobrem as paredes d'esta sala havendo uns dois ou tres dos artistas portuguezes Metrass e José Rodrigues. Ha n'esta sala dois contadores avaliados em 10:000 libras. São guarnecidos de tartaruga e marfim, com figuras douradas, mas estas simples palavras mal podem exprimir a belleza d'estes tristes raros ou unicos no seu genero o que lhe dá um valor extraordinario. Jarras da India, de Sévres e do Japão, poncheiras, um magnifico relogio do tempo de Luiz IV, sobre um fogão da mesma epoca, etc., é tudo quanto se encontra de mais notavel n'esta sala onde aliaz não faltam outras particularidades dignas de menção, mas que passam mais desapercebidas n'uma rapida visita.

D'aqui passemos ao quarto da cama onde falleceu el-rei, que fica á nossa esquerda. É mais simples, como não podia deixar de ser, o aspecto d'esta casa. Ao centro das duas janellas que illuminam este quarto, está um alteroso leito antigo de pau santo entalhado e sustentando em suas columnas os cortinados de seda adamascada que recobrem a cama; nas paredes vêem-se quadros de Silva Porto e de Lupi e uma formosa *Mater Dolorosa*, esmaltes de Limoges, e sobre os *etagères* mil objectos artisticos de valor, difficeis de relacionar porque a memoria nos falha e ainda mais difficeis de apreciar em breves linhas.

Passemos á sala de Saxe que é um verdadeiro muzeu de loiça de Saxe disposta em aparadores de marmore e preciosos armarios antigos de carvalho. N'esta sala é que sua magestade tomava ultimamente as refeições. A sala de jantar está distante d'esta e deita tres formosas janellas gothicas sobre o jardim. Os vidros d'estas janellas são pintados com figuras, obra dos seculos XIV e XV. É ricamente guarnecida de fayanças antigas de grande belleza e muito raras, tem um magnifico lavatorio de Sevres, etc.

Vejamos agora o atelier do rei artista e vejamol-o rapidamente porque de contrario teriamos que escrever um grosso volume para mencionarmos quanto ali existe. Occupa uma sala no extremo esquerdo do palacio. Alguns quadros dos grandes mestres, entre elles um Rubens authentico, estão dispostos por sobre as paredes a intervallos, deixando espaço para uns ricos armarios de pau santo e de carvalho dentro dos quaes estão, em exposição, preciosos crystaes, porcelanas, fayanças incluindo algumas raras da fabrica do Rato, objectos de ouro, prata e outros metaes artisticamente trabalhados, pequenas esculpturas em marfim, illuminuras em livros antigos, miniaturas, camapheus, um cem numero, emfim, de objectos que nos absorvem a attenção demandando de largas horas para serem detidamente avaliados. Nas *etageres* acontece-nos outro tanto, e a nossa attenção é chamada para uns magnificos contadores de ebano com embutidos de marfim e tartaruga. Estes embutidos constam de filetes e placas sendo, principalmente, as de marfim gravadas em preto representando caçadas, paisagens, factos historicos, e outros assumptos. Estes contadores foram adequeridos por sua magestade, n'um estado lastimoso e mandados restaurar em grande parte, no que trabalhou o auctor d'estas linhas recompondo e restaurando a parte respeitante ás gravuras em marfim e tartaruga. A collecção de albuns é grande e variada e n'elles se veem muitos desenhos e aguarellas do rei artista, impressões das suas viagens, estudos do natural e caricaturas á pena. Grande collecção de louças pintadas por el-rei, trabalho que, nos ultimos tempos, muito o entretinha e que nos dava a honra de mostrar sempre que alli iamos, com um grande contentamento pelos progressos que realisava n'esta especialidade, e muito principalmente quando as suas pinturas sahiam a salvo do forno.

Esta sala era o logar predilecto do rei artista quando estava no palacio. N'ella passava longas horas entregue aos seus labores artisticos, e n'ella recebia a maior parte das vezes os artistas que tinham a honra de privar com el-rei.

Falta-nos ainda a galeria, a sala de musica e a bibliotheca. Entremos na galeria, que bem podemos chamar um museu de pintura, porque, a par dos quadros modernos, encontram-se quadros de quasi todas as escolas antigas. Artistas nacionaes e estrangeiros teem alli as suas obras, que não podemos especialisar na rapida noticia que estamos escrevendo. As esculpturas tambem teem alli o seu logar, e é assim que, a par de baixos e altos relevos, vemos estatuas e bustos notaveis occupando a galeria e as duas salas annexas. Na esculptura moderna destaca-se vantajosamente a bella estatua do Saltimbanco, obra do esculptor Simões de Almeida. Os medalhões, os contadores, as jarras, preciosas esculpturas em madeira, bronzes, gravuras, etc., mostram o que de mais notavel e raro ha em artes, dando idéa do grande gosto e grandes conhecimentos artisticos do rei, que empregou boa parte da sua vida colleccionando tantas preciosidades artisticas, podendo-se affirmar que as collecções de el-rei D. Fernando são das mais notaveis da Europa, como collecções particulares.

A sala da bibliotheca é a mesma que era do convento, que sua magestade embellesou e enriqueceu com a custosa mobilia que a guarnece, parte que existia e parte posta alli posteriormente. Sobre as estantes vê-se grande profusão de livros, onde domina a litteratura allemã. Vasos etruscos, de Sèvres, e outras obras de arte, assentam sobre as estantes. Preciosas collecções de gravuras de diversos auctores e escolas estão dentro de pastas com os competentes rotulos; a isto juntam-se os albuns, as grandes edições illustradas, outras raras, codices e livros illuminados N'um pequeno movel envidraçado guardam-se varias preciosidades archeologicas, algumas encontradas em escavações. Ha ainda n'esta sala mais exemplares de fayanças, azulejos e cristaes.

Passemos á sala do jogo, ricamente mobilada e onde tambem se encontram objectos de arte, sobretudo em porcelanas e em bronze, e entremos na sala da musica. Ha n'esta sala dois fortes pianos de cauda, alem de outros instrumentos. El-rei era um grande amador de musica, e por isso tambem lhe merecia especial attenção esta sala, onde muitas vezes se entretinha tocando, ou ouvindo tocar algumas celebridades musicaes, quer nacionaes, quer estrangeiras, que visitassem Lisboa.

Na rapida noticia que deixamos escripta do palacio das Necessidades, apenas nos referimos propriamente aos aposentos de el-rei D. Fernando. A outra parte do palacio tambem encerra obras de arte de muito valor, mas não são para comparar com a profusão e a riqueza das colleccionadas pelo rei artista.

A relação minuciosa d'essas preciosidades occuparia volumes, como é facil calcular, sabendo-se que o seu valor é superior a mil contos de réis, divididos por um sem numero de obras de arte, a respeito de cada uma das quaes ha muito a dizer.

O PALACIO DA PENA, EM CINTRA

N'uma formosa tarde de fins de agosto de 1499, via-se no ponto mais elevado da serra de Cintra, denominado a Cruz Alta, um homem de mediana estatura, fidalgamente vestido e que não desprendia os olhos da vastidão do Oceano, que vinha estender as suas vagas por sobre a praia das Maçãs, ou eleval-as pelos rochedos da costa como se lhe não bastasse para as conter a grandeza dos mares.

A fixidez d'esse homem cada vez era mais firme procurando enxergar na distancia alguma cousa que lhe despertava uma curiosidade interesseira.

Esse homem era el-rei D. Manuel que por muitos dias alli tinha ido áquelle mesmo sitio, ver se descobria a grande frota que esperava da India com Vasco da Gama, e com tal empenho elle procurava ser o primeiro a saber a grande nova, que effectivamente descobriu n'aquella tarde, na penumbra da distancia, os topes das naus portuguezas que voltavam da aventurosa viagem, em que se tinham descoberto mundos novos pelo esforço e valor do primeiro navegador portuguez, o glorioso Vasco da Gama.

Depois de D. Manuel ter reconhecido os seus navios, desceu da eminencia da Cruz Alta e veio render graças a Deus, no convento dos frades Jeronymos, por elle fundado no alto da serra, em 1503.

Eis a razão porque o palacio da Pena nos traz á memoria este facto historico, da chegada de Vasco da Gama a Lisboa de regresso da sua primeira viagem á India.

Vê-se mais por isto, que Cintra já então era considerada como um dos mais bellos logares de Portugal e que aquelles penedos sobre postos uns sobre outros a envolverem-se nas nuvens, tinham a mesma attracção que hoje nos impelle a galgarmos aquella eminencia, ora para visitarmos o Castello dos Mouros e nos sentarmos nas suas ameias denegridas e musgosas a contemplar a grandeza do mar ou a vastidão das campinas com os seus povoados, ora para nos extasiarmos no formoso parque da Pena e bebermos a deliciosa agua da fonte dos Passarinhos, isto quando não temos a ventura de entrarmos no palacio e vermos de perto as bellezas que elle encerra.

O primeiro edificio mandado fazer por el-rei D. Manoel, era apenas de madeira, porque a regidez do solo não se prestava facilmente a obra mais solida, mas o rei tanto se agradou do sitio, e a sua munificencia não se accommodava a obra

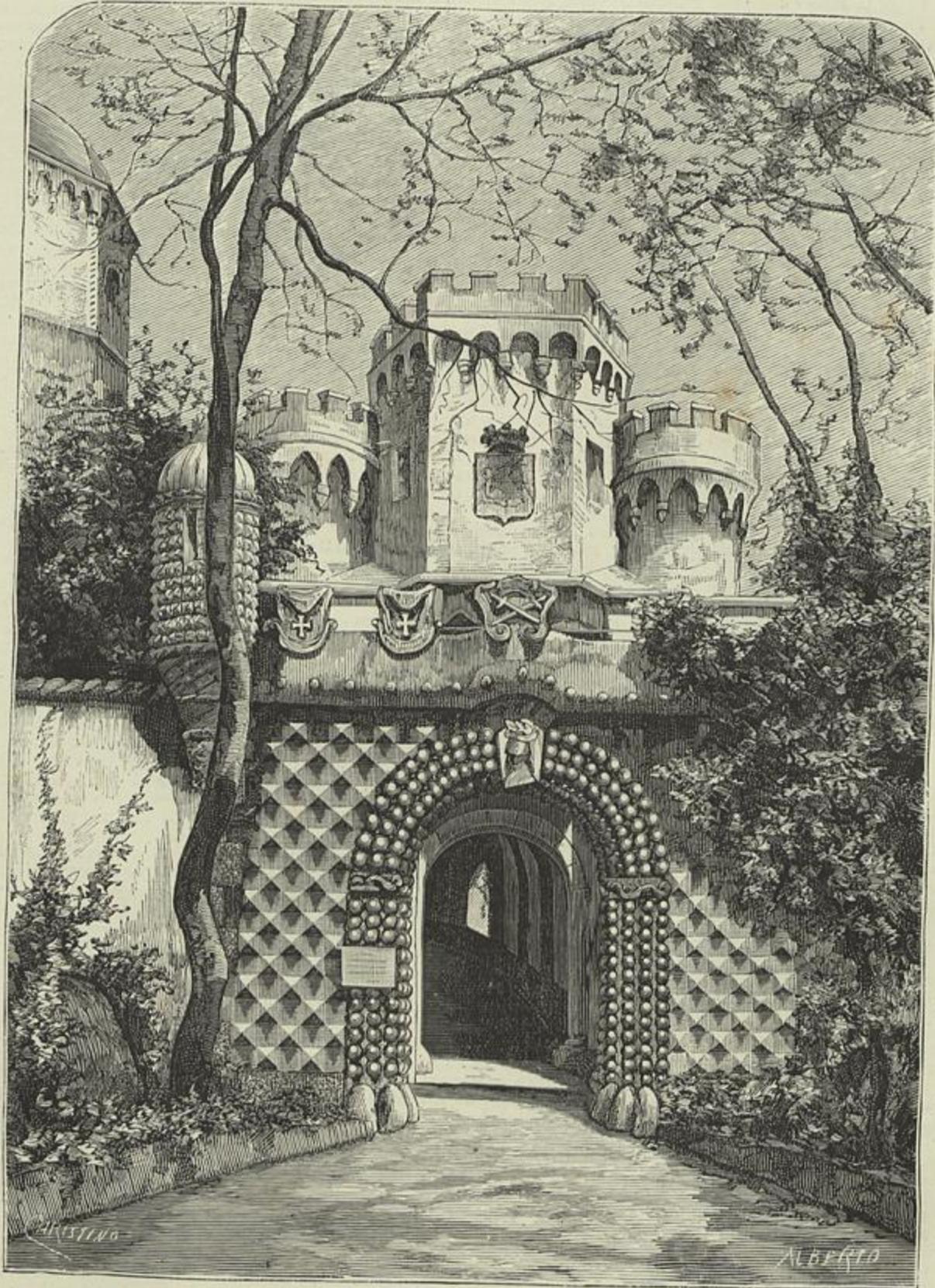
tão singela, que em 1511 mandou levantar nova fabrica de pedra e cal, e para isso dispenderam-se então grandes sommas, principalmente nos alicerces e terraplanagens a que se procedeu no topo da serra.

Calcula-se em cerca de 30:000 cruzados o que se gastou, quantia que, para a epoca, bem se póde considerar fabulosa.

O convento foi dedicado a Nossa Senhora da Pena, e d'ahi provem o nome que ficou depois de extincto o convento e secularisado para habitação profana.

Foi este convento meio arruinado e deserto que el-rei D. Fernando transformou no mais rico palacio feudal e na habitação mais invejavel

Sobem a centenas de contos o que alli gastou el-rei para levantar aquelle monumento de arte, que participa de varios estylos e que faz lembrar os antigos solares normandos; mas se o seu aspecto exterior nos encanta, não nos seduz menos o seu aspecto interior.

Por toda a parte impera a arte e o bom gosto; desde que transpomos a porta principal, que nos prepara com os seus brincados ornatos primorosamente esculpidos na pedra, para as maravilhas que vamos ver lá dentro, não cessa a nossa admiração pelos primores de arte com que a cada passo

ENTRADA DO PALACIO DA PENA (Segundo uma photographia)

deparamos. Os mosaicos e os azulejos mais esquisitos, os marmores mais finos e os trabalhos de cinzel, as obras de talha, os candelabros de bronze, as esculpturas, as armas e os escudos mediaveis, as pinturas, as loiças, tudo emfim que a opulencia de um rei artista póde reunir e dispôr com requintado gosto, alli nos absorve a attenção e nos faz esquecer longas horas na contemplação de tantas maravilhas.

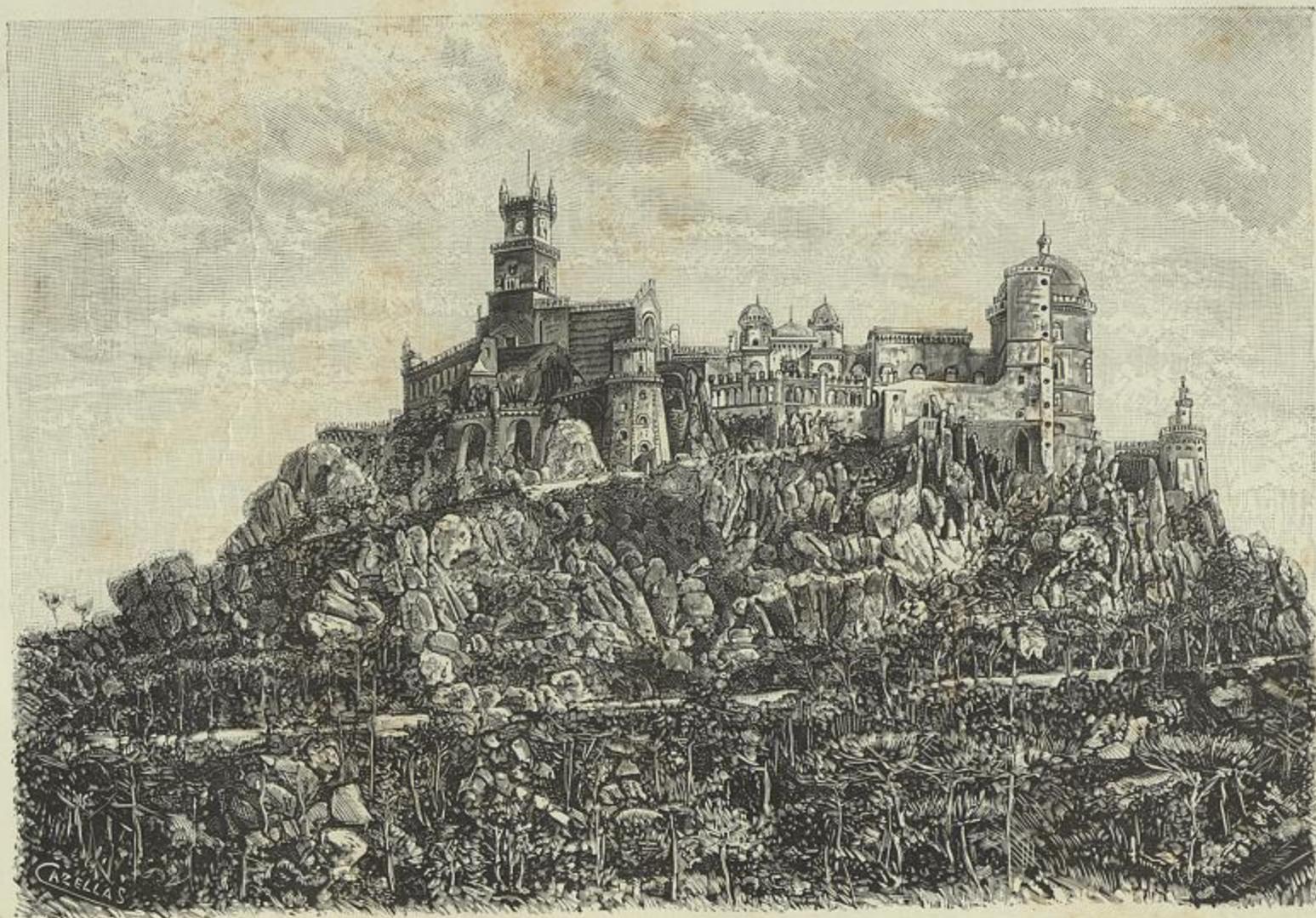
O palacio da Pena transporta-nos ás epocas passadas, porque a mobilia que guarnece as suas salas, o revestimento das suas paredes, tudo quanto lá existe, está mais ou menos em perfeita harmonia com o edificio, o que dá uma idéa muito completa do passado.

O parque que cerca o palacio é um modelo do genero; contém as plantas mais exquisitas e grande parte d'ellas vivem alli á força de cuidados, resistindo triumphantemente ao clima contrario a muitas d'ellas. Se além d'isto considerar-mos as difficuldades e enormes despezas que foi mister fazer para conseguir transformar aquellas penedias n'um jardim perenne de verdura e de flores, teremos uma prova eloquente de quanto póde a arte sabiamente aproveitada pela riqueza.

Mas para que havemos de insistir nas bellezas da Pena, quando ellas são conhecidas por testemunho ou tradicção, da maioria dos portuguezes e quando a sua fama chega aos paizes extrangeiros, a ponto de que, qualquer extrangeiro

A ROMARIA

Desenho original autographo de El-Rei D. Fernando

Gravura de Caetano Alberto

Palacio da Pena, em Cintra (Segundo uma photographia de Rocchini)

que visite Lisboa, procura logo ver Cintra e a Pena.

El-rei D. Fernando passava no seu palacio da Pena uma boa parte do anno, principalmente desde a primavera até ao outomno, com pequenos intervallos em que vinha a Lisboa e mesmo no inverno algumas vezes lá ia passar dias.

Durante o ultimo anno em que a fatal doença produzia os seus horriveis estragos, isso não o impediu de viver no palacio da Pena todo o verão.

Foi despedir-se da joia que por suas mãos encastoara na corôa da serra, que não era a somenos da sua corôa de artista.

UMA RECORDAÇÃO DO REI ARTISTA

Foi por fins de 1880 que el-rei D. Fernando nos fez a graciosa promessa de um desenho seu para as paginas do Occidente. Era mais uma amabilidade que se dignava dispensar-nos, que nos obrigava a um duplo reconhecimento, por nós e pelo periodico que havia dois annos tinhamos fundado.

El-rei, com a sua generosa dadiva, significava quanta sympathia lhe merecia o nosso modesto periodico, e o muito apreço em que o tinha quando nos dizia que, folgava de ver uma publicação illustrada tão puramente portugueza, e por isso digna de todo o auxilio, estimando muito os seus progressos.

E depois conversava comnosco amavelmente sobre os differentes generos de gravura, manifestando-nos a sua preferencia pela escola allemã, de que nos mostrava magnificos exemplares.

A promessa de el-rei não tardou a cumprir-se, e dentro de poucos dias nós recebiamos das suas mãos o gracioso desenho á pena, feito sobre a chapa de buxo, que hoje republicamos como uma recordação estimavel do Rei Artista.

El-rei nunca tinha desenhado sobre chapa de madeira, e por isso nos pediu alguns esclarecimentos sobre o processo, mas com as indicações que lhe ministrámos el-rei desenhou sobre a chapa com uma perfeição como se de ha muito estivesse habituado áquelle genero.

Quando apresentámos a el-rei a prova da gravura por nós executada, sua magestade mostrou-se muito satisfeito e fez-nos promessa de novos desenhos, promessa que não chegou a realisar-se, em consequencia das suas viagens e depois da sua doença.

Entretanto el-rei tinha honrado as paginas do Occidente com a sua regia collaboração artistica, e nós tinhamos a ventura de archivar n'esses paginas um desenho do Rei Artista.

O assumpto escolhido por el-rei para esse desenho, e a feição comica que lhe deu, denotam o espirito humoristico do artista, escolhendo uma d'essas scenas da vida das aldeias mais caracteristica, mais comica.

Aquelles ricassos da terra que vão já na dianteira da caravana, rompendo nuvens de poeira com os seus chapeos altos de tres gerações, o padre meio ministro do Senhor e meio lavrador, mesmo mais lavrador, que carrega os seus sessenta janeiros sobre o pobre quadrupede já pouco para festas, o abegão que segue na rectaguarda armado do seu pau para o que der e vier, aquelle criadito que acompanha a romaria levando o pinchel de vinho para o amo que vae prevenido contra as zurrapas, o cão correndo e saltando com grandes ganas de se atirar ao farnel que vae nos alforges do rapaz aguçando-lhe o apetite, tudo isto é composto com um grande espirito de observação, e se a scena é extremamente comica tambem é profundamente verdadeira, porque copia o natural e reproduz um costume dos povos da aldeia.

Mais uma vez tributamos aqui a nossa humilima homenagem ao Rei Artista, homenagem que o vae encontrar no tumulo, mas que por isso mesmo não poderá ser tomada á conta de convencional cortezania.

Caetano Alberto.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

I

A Bacteriotherapia — Os microbios antagonistas — Cura da tuberculose — O ornythorinco — O sol, estructura filamentosa e fim d'esse astro — Os hellenos — A rigidez cadaverica — As pilhas Leclanché.

Comecemos pela *Bacteriot'erapia*, ou tratamento das doenças pelos microbios. O dr. Cantani fez ultimamente uma tão feliz applicação d'esse novo meio de curar, contra a tisica pulmonar, seguida por uma outra do dr. Samala, de Pisa, que se nos afigura estar vencido esse terrivel flagello, causa de mais de um quinto da mortalidade em Lisboa, e em outras cidades da Europa.

Antes, porém, de narrarmos a experiencia, diga-se alguma cousa do novissimo systema therapeutico.

Baseia-se no seguinte: — Nos microbios ha differença de meio e de vida. Uns são nocivos ao organismo humano, outros são-lhe inoffensivos. Ha-os vivazes a tal ponto, que os agentes chimicos mais energicos teem difficuldade em destruil-os. D'esses disse o nosso bom amigo e distincto professor sr. José Julio Rodrigues, n'uma das suas conferencias, que tão celebradas e concorridas foram no Salão da Trindade: «Ha microbios que se fallassem poderiam dizer-nos da historia do Egypto do tempo dos Pharaós, e alguns haverá existentes ainda hoje que teriam assistido ao nascimento de Mathusalem. » Effectivamente ha-os com uma força de vitalidade extraordinaria, em quanto outros são pouco resistentes. Uns vivem no corpo humano, outros só logram a existencia, a *alegria da vida*, fóra do organismo do homem.

Entre microbios de meios de existencia analogos, ha como nos homens, uns mais aptos ou dispondo de melhores meios na lucta pela existencia, e esses, como os homens na sociedade, tomam tudo para si e nada deixam aos outros, que morrem de inanição. Em presença d'estes factos imaginaram alguns clinicos *microbiotechnistas*, introduzir no organismo humano um microbio inoffensivo, isto é, não pathogeneo, o qual podendo luctar com vantagem contra o microbio pathogeneo ou causador da doença, o destruiria.

Foi por via d'este raciocinio que o dr. Cantani se lembrou do *Bacterium termo* para antagonista do *bacillo* da tuberculose. Tendo-se previamente certificado da inocuidade do *bacterium termo*, introduziu-o nos pulmões d'uma senhora atacada de tuberculose por meio de inhalações de gelatina liquida misturada com caldo de carne. Na cultura vaporisada o *bacterium termo* estava em abundancia e não obstante o mau cheiro de putrefacção que elle communica ao liquido em que vive, a enferma não mostrou relutancia em absorvel-o.

Antes do tratamento a enferma apresentava na expectoração purulenta grande numero de *bacillos*. Alguns dias depois de ter sido tratada pelas inhalações, os bacillos desappareceram e foram substituidos pelos *bacterium termo*, e por fim a expectoração deixou de manifestar-se. Deve notar-se que a expectoração, antes de acabar, tinha perdido as propriedades virulentas, pois que antes do tratamento tuberculisava os animaes, que eram inoculados com ella e depois tornara-se inoffensiva. Todavia, o dr. Cantani não preconisa o *bacterium termo*, pois julga possivel haver algum outro, que mais vantajosamente possa luctar contra o bacillo da tuberculose. O dr. Salama, medico de Pisa, ordenou com exito o mesmo tratamento a um doente, que tinha na parte superior do pulmão esquerdo uma grande caverna, soffria de febre intensa e lançava pela expectoração grande numero de bacillos de Koch.

— Uma descoberta importante foi realisada na Australia pelo naturalista Caldwell. Affirma esse zoologista que os mammiferos monotremos põem ovos como as aves e os reptis. O *ornythorinco*, que pertence a esse grupo, tinha ha muito tempo produzido uma certa perplexidade nos naturalis-

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 253)

XIV

Na adversidade é que os grandes homens se conhecem

Apenas em liberdade, os tres companheiros tiveram um só pensamento: encaminharem-se a passo accelerado para o ponto que o *Trovão* lhes marcára.

Estavam anciosos todos por saberem que metamorphose se operára na vida e habitos do seu camarada.

Mas, não obstante chegarem talvez meia hora mais cedo, já lá encontraram o *Trovão*.

É que a impaciencia com que elles desejavam essa entrevista não era superior em nada ao interesse com que o *Trovão* a esperava.

A parte mais essencial do seu programma havia-se malogrado.

Chegára de Madrid, munido de ordens secretas afim de ser effectuada a prisão do capellão do governador das armas e seus cumplices, accusados de alta traição; apresentára-se ás auctoridades que haviam de cumprir essas ordens, combinára a maneira de surprehender os criminosos, e quando tudo estava determinado e se passou a pôr em execução, nem um só dos implicados na denuncia foi possivel colher no laço que se lhes tinha armado.

Teve logo o presentimento de que andava em tudo isto o *Frade*.

Similhante prevenção não podia partir de outra pessoa.

N'isto pensou em procural-o, em descobrir uma qualquer maneira que os trouxesse a uma reconciliação futura em interesse de ambos.

Estava n'estas diligencias quando soube da prisão do *Mata-Judeus* e seus companheiros.

Era o rasto que procurava.

Estaria o *Frade* entre elles?

Antes de tudo foi procurar o corregedor do crime da côrte, Gabriel Pereira de Castro, para quem trouxera as cartas e ordens de Madrid, e que por ser agradavel a ellas era capaz de tudo.

Como era natural, o corregedor não estava menos desanimado que elle, em rasão do malogro da diligencia da prisão dos seus compatriotas.

Perdera excellente occasião de mostrar mais uma vez a sua sympathia pelos oppressores da sua patria que tão bizarramente lhe galardoavam os serviços.

E como a sua consciencia não estivesse tranquilla e da lealdade de todos desconfiasse, já não via com bons olhos o *Trovão* que os accusava.

Recebeu-o de mau humor.

— Que temos? lhe perguntou. Descobriu alguma cousa?

— Não, meu senhor, lhe disse com muita humildade o *Trovão*.

Gabriel Pereira de Castro era homem de bella apparencia e apezar de estar proximo já dos sessenta annos, conservava ainda toda a virilidade e toda a energia proprias de uma organisão robusta e forte.

Voltou lhe as costas e retorquiu de mau humor:

— A que vem então? Deve julgar muito segura a sua cabeça para que a arrisque assim com tanta audacia.

Estas phrases traduziam manifestamente uma ameaça feita ao espião.

O scelerado estremeceu.

— Senhor, exclamou, juro-lhe que tenho empregado todo o cuidado no serviço que me cabe e até hoje...

— Nada tem conseguido.

— Alguma coisa tenho feito, concluiu elle, dando á phrase certa intenção reservada.

O corregedor voltou-se logo para elle.

— Oh! então fale.

Desejo saber por que se acham presos estes homens.

E deu ao corregedor a relação dos seus quatro companheiros. Elle passou-a immediatamente pela vista, respondendo:

— Se é só isso que deseja, vae ser immediatamente satisfeito.

Escreveu em seguida algumas linhas, subscriptou, chamou um dos seus empregados, e deu-lhe ordem para que immediatamente estivesse de volta com a resposta.

Foi este facto que levou o carcereiro do *Mata-Judeus* e seus companheiros a dizer-lhes aquellas phrases animadoras que tão vivamente os surprehendeu.

«Vocês teem bom padrinho, não ha duvida.»

O corregedor tinha, além do valimento do seu cargo, uma grande influencia pessoal. A sua vontade não valia menos que a lei e portanto um preso por quem elle se interessasse, bem se podia considerar livre.

Ora o corregedor tinha escripto simplesmente n'esse bilhete:

«Porque estão presos os homens constantes d'essa relação? Interesso-me por elles.»

Mais nada.

A resposta foi rapida e concebida n'estes termos:

«Da relação que devolvo apenas estão presos tres dos que ella indica. A nota da culpa não lhes foi dada ainda. Parece que estão aqui por pretenderem extorquir certas quantias a Rodrigo Botelho, membro do conselho de fazenda, fr. José do Menino Deus, da companhia de Jesus, D. Antão Vaz de Mello e Joaquim Affonso, membro do senado da camara.»

Gabriel Pereira de Castro ao recebel-a não poude conter um grito de alegria que raras vezes se traduzia nos seus labios e de certo modo compromettia a gravidade convencional de um corregedor do crime da corte em pleno seculo XVII.

tas em consequencia dos seus caracteres mistos. Esse animal tem bico, como as aves, desprovido de dentes, o corpo coberto de pellos, e possue glandulas mammares. A femea põe dois ovos, que são *chocados* n'uma prega da pelle, que forma uma especie de algibeira abdominal, como nos marsupiaes.

— Segundo as recentes observações de Trouvelot sobre o sol, torna-se quasi evidente que a estructura do envolucro solar é filamentosa. As proprias protuberancias apresentam não raras vezes essa disposição filiforme, e Trouvelot observou algumas enormes, que eram compostas unicamente de lacinias de 60:000 a 70:000 kilometros de altura. Convem aqui apresentar uma passagem do observador, tirada do *Bulletin astronomique*:

«Mas resulta das experiencias de Andrews que a estructura filamentosa é particular aos gazes e aos vapores que vão passar do estado gazoso ao liquido: elle poude reconhecer que no momento em que as massas fortemente comprimidas mudam de estado tomam a estructura filiforme.»

Mais adiante diz Trouvelot:

«Com effeito, segundo as nossas proprias observações, sabemos positivamente que vapores se condensam por cima das manchas em via de decrescimento e que então ellas tomam a estructura filamentosa do acido carbonico.»

O envolucro filamentoso é o que para nós forma a superficie visivel do sol. Acima d'essa camada existe uma atmosphera extremamente rarefeita, mas de grandissima extensão, e que se reconhece com evidencia nos eclipses do sol. Por baixo do envolucro filamentoso produzem-se crises formidaveis, erupções giganteas de gazes incandescentes, de vapores e de poeiras metallicas, que perfuram essa camada, decompondo-lhe os elementos filiformes, e, levantando-a, formam as *faculas* brilhantes.

Um dia, tão distante quanto seja possivel imaginar, a actividade interior do sol ha de modificar-se, e a *photosphera* ou camada luminosa deixará de estender-se sobre a sua superficie totalmente, como hoje faz, mas apenas sobre uma parte d'essa superficie, apresentando alternativas de acção e de repouso antes de extinguir-se inteiramente. D'ahi em diante a luz do sol decrescerá e augmentará n'um periodo de tempo egual ao da sua rotação. Mais tarde o sol ha de tornar-se pallido e lançará no espaço raios vermelhos ou azues, apagar-se-ha para tornar a brilhar durante longos periodos, até que finalmente deixará de brilhar.

«É assim, diz Trouvelot, que nós vemos estrellas cujo brilho varia periodicamente; conhecemos estrellas vermelhas ou azues, estrellas temporarias, que apparecem, brilham e desapparecem, talvez para tornarem a apparecer, brilhar e extinguirem-se de novo, depois de seculos de trevas e de repouso.»

— Marius Fontana no primeiro volume da sua *Historia da Grecia* — diz que o grupo hellenico é muito complexo. Julga-o formado por um fundo de pelasgos dos mais antigos, onde se espalharam populações semiticas e turanianas e outros povos, taes como os *athenienses*, que representavam os *aryas*.

— Em physiologia deve citar-se a opinião que Brown-Sequard emittio ultimamente com respeito á rigidez cadaverica. O problema é o seguinte: Os musculos que apresentam rigidez cadaverica estão mortos ou n'um estado intermediario entre a vida e a morte?

Sem negar a parte importante, que n'esse acto representa o *plasma liquido*, Brown-Séquard apoiando-se em factos, declara que a rigidez muscular é devida a uma especie de contracção, isto é, a um acto de vida, persistindo até á putrefacção.

Esses factos são que os musculos no homem, 13 ou 14 horas depois da decapitação, podem recuperar a vitalidade pelas injecções de sangue. A putrefacção só apparece quando a regidez cessa. Brown-Sequard poude á vontade retardar ou apressar a putrefacção, de tal modo que a rigidez póde durar um quarto ou quatro mil quartos de hora. Nos cães e em macacos mortos nas circumstancias de suspensão activa das relações entre o sangue e os tecidos, os musculos na rigidez cadaverica contraem-se e estendem-se alternativamente até á putrefacção durante muitas semanas. Distendendo os membros rigidos, a rigidez pode voltar ainda muito tempo depois da morte, e essa distensão póde ser operada muitas vezes, voltando a rigidez, ainda que parcial.

— A pilha *Leclanché*, tão empregada nos telegraphos, é perigosa pelas efflorescencias de chumbo, que produz. O chumbo é extremamente venenoso e quando manifesta os seus terriveis effeitos no organismo, tem-se lentamente apoderado d'elle, de modo que difficilmente poderá ser debellado.

João de Mendonça.

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 DE FEVEREIRO DE 1757)

(Continuado do n.º 253)

Estamos em meiado de junho, e como o leitor deve recordar-se o motim do Porto tivera logar no dia 23 de fevereiro. Vão pois passados quatro mezes depois que se mandara instaurar o processo, e este caminhava ainda lentamente, apezar de preteridas quasi todas as formalidades legaes, como fôra ordenado.

O marquez de Pombal, impaciente com a demora, recorre então á historia e manda ao presidente da alçada ler a chronica de el-rei D. Manoel, e combinar o dia do tumulto que tivera logar no anno de 1506, com o dia da sentença proferida contra os réos, e meditar no curto intervallo que medeou entre a sedição, e o castigo.

E, como se um exemplo só não bastasse, o erudito marquez accrescentava: «*No outro motim que se levantou na Bahia contra o governo do conde de Sabugosa, não houve mais de trinta dias de intervallo entre a sublevação e a execução. No que succedeu nas Minas, governando o conde de Assumar, sendo o cabeça preso pelas oito horas da manhã, foi executado pelas tres horas da tarde do mesmo dia.*

E como o presidente da alçada citasse em seu abono as delongas havidas em outros processos, que contrariavam as allegações historicas do marquez, este respondeu, que nos casos de que se tratava só fôra offendida a justiça e não a majestade, e que portanto não eram admissiveis as desculpas, nem colhiam os exemplos citados, e concluia ordenando que se sentenceiem e executem os réos, *ainda que estejam imperfeitas as provas a respeito de alguns!*

Como se vê a inviolabilidade da vida humana era coisa de pouca monta para o marquez de Pombal, quando se tratava de punir attentados contra a realeza, como no caso dos Tavoras ou contra a companhia dos vinhos do Alto Douro, que lhe comprava a elle os vinhos da sua quinta de Oeiras para falsificar aquelles, e de que agora deffendia as regalias e as immunidades, em trocados favores recebidos.

A par de tanta austeridade, ou para melhor dizer de tão insolito abuso do poder, o marquez de Pombal recommendava ao presidente da alçada que fechasse os olhos, ácerca dos manejos dos subditos inglezes, *que era preciso contemplar para a extracção dos nossos vinhos*, declara o despacho que mandava condemnar os inermes e desvalidos, *embora com provas imperfeitas!*

Em 23 de agosto a tragedia tendia a desenlaçar-se. O ministro que do seu gabinete de trabalho dividira os pronunciados em cinco classes, ordenava ao presidente da alçada que lhe mandasse a relação dos réos das tres primeiras, *resumindo as provas*, e não devendo depois medear mais de vinte e quatro horas entre a sentença e a execução, *por que os crimes d'esta natureza nunca seguem as regras ordinarias.*»

— Por minha vida que não o julgava tão habil, exclamou elle, lançando ao *Trovão* o seu olhar radiante, como se o quizesse indemnisar do desabrido modo com que até então o tratára.

O *Trovão* abaixou a cabeça modestamente agradecido e respondeu:

— Folgo de ter dado essa prova da minha lealdade.

Exaltado, nervoso, cheio do mais vivo enthusiasmo, o corregedor proseguiu:

— Vá immediatamente pôr esses homens em liberdade. Traga-os á minha presença; elles devem derramar muita luz para o bom andamento d'esta diligencia.

O *Trovão* abanou a cabeça em signal de descrença.

— Esses homens, posso afiançar ao sr corregedor, pouco podem dizer-nos.

— Porque?

— Porque foram simples instrumentos de uma cilada, cujos fios mysteriosos eu acabo de conhecer.

O corregedor fitou, com muito interesse, os seus grandes olhos na physionomia velhaca e crestada do astucioso cigano.

— Quem nos hade pôr na pista que procuramos é justamente o quarto individuo d'essa relação que tive a honra de lhe entregar.

Immediatamente o corregedor a passou pela vista e exclamou:

— O *Frade!*

— Esse mesmo.

— Mas explique-se, diga se...

— Não posso, replicou o *Trovão.*

— Não póde!

— É o meu segredo, senhor. Basta que lhe afiance uma coisa, e é que em menos de uma semana poderá participar para Madrid que as ordens de sua magestade catholica foram executadas fiel e lealmente como cumpria.

O corregedor pareceu resignar-se, fazendo um ligeiro movimento de hombros.

O *Trovão* proseguiu:

— É conveniente, porém, que esses tres homens que se acham presos sem nota de culpa sejam postos á minha disposição.

O corregedor julgou dever ainda fazer esta pergunta:

— E responde-me pelo resultado da diligencia?

— Respondo.

No dia seguinte, e do modo que é sabido, *Mata Judeus* e seus companheiros acharam-se restituidos á liberdade.

O *Trovão* contava com elles para achar maneira de aproximar-se do *Frade.*

— Meus amigos, lhes disse, que negocio foi esse que os levou á cadeia.

Teve a palavra o *Mata-Judeus*, que explicou todo o occorrido desde que se separaram em caminho de Lisboa.

Ao *Mata-Judeus* seguiram-se os demais. Todos porém estavam accordes em condemnar o *Frade.*

— Tu é que fizeste bem, diziam-lhe elles. Se não te seguras tinhas a sorte que nós tivemos.

Outro accrescentava:

— A gente o que havia de ter feito era dar cabo d'elle logo alli, quando tu nos abandonaste.

E ainda o terceiro:

— Logo que elle nos livrou do *Homem do fato de pelles* era dar cabo d'elle.

O *Trovão* depois de os ouvir a todos emittiu a sua opinião e disse:

— Enganam-se, meus amigos. Nós todos nada podemos e nada valemos sem esse homem.

Um movimento de espanto e de surpresa se apoderou d'aquelles tres scelerados.

O outro proseguiu:

— Pensei já como vocês e cuidei que poderia desligar-me do *Frade*, que se arrogava sobre nós uma auctoridade que ninguem lhe havia concedido.

Os tres applaudiram furiosamente.

— É isso, clamaram elles, tu é que fizeste bem.

O *Trovão* sorriu.

— Ao contrario, fiz muito mal, eu nunca me havia de ter separado do *Frade*, porque nós sem elle nada valemos e nada podemos.

Estas palavras, que tinham o cunho de uma grande convicção, produziram no auditorio o effeito do raio.

Ficaram ao ouvil-as como fulminados, cheios do maior assombro.

Foi para lhes dizer isto, proseguiu elle, que os reuni aqui, foi para me darem noticias do *Frade*, para lhe ser agradavel, que consegui obter a liberdade de vocês.

Aqui o *Mata Judeus* não poude conter-se:

— Pois então perdeste o teu tempo. Ninguem me tira da cabeça que se nos filaram foi porque o *Frade* quiz.

O *Trovão* tomou uma attitude grave.

— Embora, é preciso que nos congracemos com elle, que o encontremos, que voltemos á sua obediencia.

— Duvido... disse um d'elles.

Outro:

— Elle é vingativo e...

— Não importa, proseguiu o *Trovão*, não o deixando concluir. Eu saberei interessal-o em nosso favor.

Uma voz muito conhecida d'elles todos, respondeu então no mesmo instante:

— Talvez...

E os circumstantes, soltando uma exclamação de espanto, voltaram-se para o lado de onde vinha essa voz, como se a um tempo fossem tomados da mesma idéa.

Era elle, o *Frade*, que se erguia na frente d'elles como um espectro, e avançando ao seu encontro, serena e tranquillamente, lhes dizia com um sorriso amargo de terrivel ironia concentrada:

— Confessem que é ainda na adversidade que os grandes homens se conhecem.

(Continúa)

Leite Bastos.

«Quanto aos patibulos até tão alto subia a vigilancia do primeiro ministro de el-rei D. José! *devem ser levantados de noite e na vespera das execuções, de sorte que no dia d'ellas appareçam levantados inesperadamente!»*

Que previdencia, e que sagacidade nos meios de incutir o terror no animo já abatido dos habitantes da segunda cidade do reino! Como a zombaria era uma das armas predilectas do marquez de Pombal, depois de apurados os reos condemnados a pena capital, o folgasão ministro accrescentava: *«que lhe fôra facil inclinar a incomparavel clemencia do rei a diminuir o numero d'aquelles miseraveis.»* A clemencia do rei-manequim foi a que em breve constou da pavorosa sentença que encheu de espanto a cidade do Porto.

Não querendo deixar os seus creditos por mãos alheias, o marquez de Pombal officiava em 5 de setembro ao presidente da alçada, ordenando-lhe *«que levasse já a sentença lavrada de sua casa até ás palavras: «O que tudo visto e o mais dos autos», de sorte que, ganhando-se tempo, se assegurasse o acerto, digestão, e boa ordem da sentença!!»*

Que ministro, que juiz, e que tribunal!

O que era a tão apregoada clemencia real, sempre invocada e sempre desmentida pelos factos, vamos ainda proval-o. Em um outro officio, tambem datado de 5 de setembro, o desalmado ministro exproba ao presidente da alçada o haver permittido que o presidente da camara annuisse a deixar suspender a contribuição militar que pesava sobre a cidade, sem para isso haver recebido ordem superior, *quando o que lhe cumpria era admimirar a clemencia real, e não recorrer a ella intempestivamente!*

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

Entrada do parque da Pena (Segundo uma photographia)

RESENHA NOTICIOSA

As ilhas Carolinas. Acha-se finalmente terminada a questão que, com respeito das ilhas Carolinas, se levantara entre a Hespanha e a Allemanha. A mediação do papa Leão XIII conseguiu levar a um accordo honroso as duas nações, sem quebra dos direitos da Hespanha e dos interesses da Allemanha. As bases do potrocolo firmado pelas duas potencias são as seguintes: primeiro, affirmar-se a soberania da Hespanha sobre as ilhas Carolinas e Polares; segundo, o governo hespanhol para fazer effectiva esta soberania, obriga-se a estabelecer o mais breve possivel, no dito archipelago, uma administração regular com uma força sufficiente para garantir a ordem e os direitos adquiridos; terceiro, a Hespanha offerece á Allemanha plena e inteira liberdade de commercio, de navegação e de pesca n'essas ilhas, e o direito de estabelecer n'ellas uma estação naval e um deposito de carvão; quarto, assegura egualmente á Allemanha plena e inteira liberdade de fazer plantação n'essas ilhas e de fundar estabelecimentos agricolas do mesmo modo que os hespanhoes. Depois d'isto não se poderá dizer que a Allemanha perdeu no negocio.

O Duque de Vizeu. O drama em verso que, com este titulo, escreveu o sr. Henrique Lopes de Mendonça, já entrou em ensaios no Theatro de D. Maria II e espera-se que será representado antes do fim do mez. É grande o interesse que esta obra disperta, tanto pelo assumpto que é um dos mais dramaticos da historia de Portugal, como por ser uma producção litteraria portugueza de que o nosso theatro anda tão pobre.

O 90.º anniversario de Ranke. O sabio historiador allemão Ranke, no seu nonagessimo anniversario, publicou o 6.º volume da Historia Universal que principiou a escrever ha 5 annos. Os homens mais eminentes de Berlin, nas lettras e sciencias comprimentaram pessoalmente n'esse dia o velho escriptor, e elle em presença dos seus admiradores discursou por muito tempo sobre a sua vida passada, com a animação e verbosidade de um rapaz. O imperador Guilherme escreveu-lhe uma carta de que foi portador o principe imperial, o qual se dirigio com a mensagem a casa de Ranke logo de manhã cedo, juntando á missiva as suas proprias felicitações por uma decrepitude tão fecunda.

Governo de França. Houve mudança ministerial em França. A queda do ministerio produzio uma crise de alguns dias, em que houve difficuldades para organisar novo gabinete, mas por fim Mr. Freycinet cedeu aos rogos de Mr. Grévi, e organisou governo sob a sua presidencia. O novo ministerio, comquanto bem recebido, parece que não se conservará por muito tempo no poder, porque todos o olham como governo de transição.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da directoria da Real Sociedade Portugueza de Beneficencia Dezeseis de Setembro, Bahia, 1885. Este relatorio refere-se ao exercicio de 1884 a 1885 e dá uma perfeita idéa do movimento e da importancia d'esta sociedade portugueza, na cidade da Bahia, onde sustenta um hospital, cuja propriedade está avaliada em cerca de 200:000$000 réis. Além dos soccorros dispensados aos socios doentes, desenvolve ainda a sua protecção por outras fórmas, como pensões, passagens dos socios para outras terras que convenham ao seu estado de saude, etc., sendo, n'uma palavra, uma sociedade de beneficencia na sua mais ampla expressão, e que por isso presta os maiores auxilios á colonia portugueza, na Bahia. É isto o que se infere da leitura do seu relatorio, onde não faltam dedicações em prol de tão salutar instituição.

Noventa e tres, por Victor Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior, editor Lemos & C.ª, Porto. Fasciculo n.º 7 d'esta notavel obra do grande poeta do seculo XIX, que está sendo dada á estampa com todo o primor.

Revista Africana, director J. P. da Silva Campos Junior, Moçambique. N.º 1 do 1.º anno. Illustra as paginas d'este numero um retrato de Vasco da Gama, acompanhado de um artigo biographico do heroico navegador, e outros artigos litterarios de merecimento. A publicação de uma folha litteraria, com a distincção com que esta se apresenta, feita em Moçambique, é muito para notar, porque revela um progresso nas nossas colonias d'Africa, que muitos estão longe de suppor, e por isso mais louvavel é ainda tão elevado emprehendimento, que a par do cultivo da litteratura, demonstra tambem que a arte typographica não é a ultima a estabelecer-se e progredir na Africa portugueza.

Buffon, 16.º vol. das *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, David Corazzi editor, Lisboa. Este livrinho é illustrado com nove gravuras e descreve a largos traços a vida do grande naturalista, benemerito da humanidade, e cujos livros constituem a mais sã e instructiva leitura, revelando-nos tantas maravilhas da natureza.

Grande Diccionario Contemporaneo Francez Portuguez e Portuguez Francez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação de Victor Hugo, revisto pelo sr. Luiz Filippe Leite, etc., editor Antonio Maria Pereira, Lisboa. Continúa regularmente a publicação d'este diccionario, o mais completo e perfeito que conhecemos na especialidade, e incontestavelmente o mais vantajoso para o estudo da lingua franceza. A publicação vae na folha 38 e a assignatura é permanente, o que facilita extremamente a acquisição de obra tão util.

Archivo Ophtalmotherapico de Lisboa. Editor, L. da Fonseca, medico-oculista, n.º 4, 4.º trimestre, 6.º anno. O n.º 4 d'este Archivo scientifico interessantissimo é collaborado pelos profesor Dr. Dor, Mello Vianna, Dr. Candido Lourenço, e Lourenço da Fonseca. Lourenço da Fonseca é um medico-oculista muito notavel, um rapaz ainda, que apenas sahido das escolas, se dedicou á especialidade da ophtalmologia, sciencia em que é hoje um dos primeiros em Portugal. Este Archivo é d'um grande interesse e d'um alto alcance scientifico. O n.º 4.º, é o que corresponde ao ultimo trimestre do anno findo e é offerecido ao sr. Dr. May Figueira.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.